

Propagando Visões: um estudo das primeiras fotografias do Maranhão publicadas na Revista Elegante. (1892-1901).

JOSÉ OLIVEIRA DA SILVA FILHO **

É sintomático que o estudo dos regimes de visualidade tem crescido entre os historiadores nos últimos tempos, fruto eminentemente de uma maior aproximação da história com outras áreas do conhecimento como a antropologia, sociologia, história da arte assim como de áreas como a linguística, principalmente no que se refere à semiótica. No Brasil, trabalhos pioneiros inaugurados na década de 1990 como o da historiadora Ana Maria Mauad (1990) vem tentando estabelecer caminhos possíveis para a construção de um repertório teórico-metodológico que seja capaz de oferecer ao pesquisador no campo da história, modelos de aproximação e diálogo dos historiadores com as fontes de caráter visual.

No entanto, o trabalho que me proponho a realizar neste ensaio, gravita em torno das proposições do historiador Ulpiano Bezerra de Menezes que de modo elucidativo procura demonstrar aos historiadores as possibilidades para a construção de uma “História Visual”. Menezes (2005) em seu texto “Rumo a uma História Visual” pressupõe a o uso de três pré-requisitos de modo a servir de orientação aos historiadores. Desse modo os quadros para a construção de uma História visual se daria a partir de três grandes questões: o **visual**, o **visível** e a **visão**. O **visual** que se refere as “condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação e consumo dos produtos visuais” de modo a compor a chama inconsfera (conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma de uma sociedade num dado momento). O **visível** que representaria o domínio do poder e do controle de produção do que deve ser visto e que recairia na institucionalização de critérios de visibilidade e invisibilidade. E o **a Visão** que diz respeito aos instrumentos e técnicas de observação levando-se em consideração as possibilidades do sujeito que observa, ou seja, preocupa-se com as condições de recepção das imagens, em ultima instância com o consumo destas. (MENESES, 2005, p.35-56).

Este estudo de caso parte da existência de 34 fotogravuras publicadas entre os anos de 1898 a 1901 na revista Elegante, periódico ilustrado, publicado inicialmente quinzenalmente e posteriormente de modo mensal, editado na tipografia a vapor da Alfaiataria Teixeira, de propriedade dos irmãos Teixeira na cidade de São Luís do Maranhão, entre os

* Professor do Instituto Federal do Maranhão-IFMA, Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, Bolsista CAPES.



anos 1892 a 1902. O recorte temporal foi estabelecido a partir da constatação de que apenas neste intervalo foi possível encontrar a presença da utilização das fotogravuras no interior do periódico. A documentação arrolada encontra-se em sítio eletrônico disponível para download podendo ser consultada do primeiro ao último ano de publicação¹, com alguns problemas de consulta devido à deterioração de números inteiros, ou de parte destes pela ação do tempo. Um dos motivos responsáveis pelo nosso interesse no estudo deste conjunto de fotogravuras reside no fato deste se consolidar como a mais antiga série de fotogravuras preservada que se tem notícia na história do Maranhão.

Segundo Mauad (2005) é possível identificarmos dois momentos do uso de imagens nas publicações ilustradas: um marcado pela presença de textos ficcionais, crônicas e fotografias pequenas e independentes do texto escrito, e outro onde as fotografias aparecerão em grande formato enfatizando a notícia. De acordo com Vasquez (2012, p.109) “(...) foi apenas em 1910 que um jornal cotidiano passou a usar a fotografia sistematicamente como fonte de informação e não como mera ilustração, reservando sempre três ou quatro de suas 12 páginas para a imagem fotográfica”.

O circuito social das fotogravuras na ilha do Maranhão: produção circulação e consumo

Causa-nos estranheza o fato de ainda não existir um estudo direcionado a história dos irmãos Teixeira quando o assunto é imprensa ilustrada no Brasil, donos de uma invejável iniciativa empreendedora, Os irmãos Gaspar, Alfredo e Francisco Teixeira iniciaram em São Luís do Maranhão no final século XIX a publicação de um periódico, a princípio quinzenal de distribuição gratuita denominado de revista Elegante. Estes a partir da segunda metade do século XIX iniciaram o empreendimento de uma tipografia a vapor que funcionou no mesmo endereço da Alfaiataria Teixeira. Gerenciada por Francisco Pinto Teixeira a alfaiataria dispunha de um completo sortimento de camisas, chapéus, bengalas e etc., artigos importados diretamente da Europa e Estados Unidos.

Com uma estrutura que empregava em torno de quarenta costureiros e 10 atendentes a alfaiataria Teixeira atendia sua clientela num dos endereços comerciais mais bem localizados da capital maranhense. Situado à Praça João Lisboa Nº4, o empreendimento dos irmãos Teixeira oferecia aos seus clientes além das melhores fazendas, uma vasta variedade de acessórios de modo a conceder distinção a estes de acordo com os padrões burgueses do

¹ Todas as edições da revista Elegante podem ser encontradas no sítio: <<http://cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital>



vestir-se à época. O crescimento do negócio familiar é notadamente perceptível se prestarmos atenção nas fases das edições da revista *Elegante* que foram sendo lançadas ao longo de sua existência que circulou na capital maranhense de 1892 a 1905.

Talvez sabedores da importância de um veículo para a divulgação de seus produtos, os irmãos Teixeira a fim de impulsionar as vendas de seus artigos na alfaiataria, lançaram no início de 1892 a *Revista Elegante*, periódico a princípio quinzenal distribuído gratuitamente, porém com assinaturas, escrito geralmente em quatro a oito páginas, voltava-se para noticiar informações de economia, política, moda e literatura, além de dispor de suplemento.

Folheando a revista, é possível identificar pelo menos duas fases distintas em suas edições. Num primeiro momento, esta se encontra muito mais voltada para propagandear os produtos e serviços oferecidos pela Alfaiataria, e num segundo momento com a diversificação dos produtos comercializados pelos irmãos Teixeira em princípios do século XX já com a denominação de Armazém Teixeira. Nesse período além de roupas o armazém disponibilizava ainda uma grande variedade de moveis e um completo sortimento de materiais de papelaria além de oferecer a seus clientes respeitáveis serviços tipográficos de toda ordem. Em uma de suas edições já na segunda fase da publicação, a revista assim se auto descrevia:

“REVISTA ELEGANTE

Publicação Ilustrada, contendo uma capa com 4 páginas de anúncios, 4 páginas de texto, um suplemento com uma ou mais gravuras, pelo processo autotípico.” (Revista Elegante, 1º de Abril de 1900, p.8)

A revista *Elegante* editada pelos irmãos Teixeira provavelmente foi uma das primeiras revistas ilustradas que se tem notícia no Maranhão e quiçá no Norte do País. Segundo Laurence Hallewell (2005, p.181) “por volta de 1900 à cidade (São Luís) dispunha de 35 prelos que operavam em oito estabelecimentos dentre eles o dos Teixeira que era o único equipado com clichês de retícula que permitia a realização de autotípias”.

Fruto da velocidade dos avanços tecnológicos assistidos pela sociedade do período, o aprimoramento das técnicas de impressão que permitiu a reprodução fotográfica nas revistas ilustradas daquele momento, contribuíram para a circulação de imagens e para a democratização do acesso e consumo de imagens que foram indutoras da formação de padrões visuais fruto de um imaginário urbano sintonizado com os símbolos de uma época (LIMA, 1998). De acordo com Barbosa (2007, p.32) A introdução da imagem técnica nos periódicos em princípios do século XX iria funcionar como:



Suporte fundamental de memória, como documento-monumento, no sentido de que além de refletir o que se passa no mundo, também guarda nas páginas impressas o próprio mundo, a imprensa passa a reproduzir uma visão de mundo que se constrói próxima do olhar.

O final do século XIX é marcado por uma crise da comercialização de retratos já que o advento de equipamentos fotográficos mais simplificados contribuiu para o surgimento de uma prática amadorística que tornaria a figura do fotógrafo profissional um tanto quanto dispensável já que agora era possível registrar a vida sem a necessariamente contar com a ajuda de um profissional do ramo.

Nestes novos tempos da atividade fotográfica a diversificação dos produtos e serviços oferecidos mostrou-se necessária como alternativa da manutenção dos lucros, é nesse contexto que as casas do ramo fotográfico irão oferecer além de serviços especializados toda uma gama de produtos para a prática amadora assim como acessórios e aparelhos fotográficos, álbuns, molduras e produtos afins. De acordo com LIMA (1998, p. 64) “Boris Kossoy interpreta essa variedade de processos como uma forma de valorização da fotografia como objeto artístico”.

Assim como ocorreu com fotógrafos que atuam nas diversas regiões do país, em São Luís, também não fora diferente, os profissionais viviam da atividade fotográfica tiveram que se adequar a esse novo contexto. Por estes tempos, na distante província do Maranhão o mais conceituado profissional em atividade chamava-se Gaudêncio Cunha, advindo do estado do Pará em 1888, fixou residência na capital maranhense e abriu justamente com João D’Oliveira Pantoja uma casa do ramo fotográfico e passaram a atuar na cidade, onde ambos viram nesta, a possibilidade de prosperidade econômica já que naquele momento não havia na cidade uma casa dotada de toda sorte de produtos e serviços que estes passaram a oferecer a clientela local. Mais tarde em 1895 desfaz-se a sociedade entre ambos, tendo Gaudêncio Cunha inaugurado individualmente à fotografia União no mesmo ano (SILVA FILHO, 2012).

A necessidade de situarmos a figura de Gaudêncio Cunha diz respeito ao fato de termos identificado que parte das imagens publicadas na revista elegante possa ser creditadas ao ateliê fotográfico dirigido Cunha, o que demonstra uma estreita ligação entre estes profissionais e o editor da Revista Elegante Alfredo Teixeira. Ao mapearmos os clichês publicados na revista do Norte, periódico que também seria editado pela tipografia Teixeira em princípios do século X, foi possível encontrar várias fotogravuras publicadas na revista creditadas ao fotógrafo Gaudêncio Cunha e a seu irmão Candido Cunha. Contudo nem todas



as imagens que foram publicadas, são identificadas as suas respectivas autorias, já que nesse momento ainda era sintomático o fato de não haver obrigatoriedade de atribuição de crédito as imagens fotográficas, fato que só ocorrerá mais tarde com o desenvolvimento da atividade fotojornalística.

A parceria entre os fotógrafos Gaudêncio e Candido Cunha com a tipografia Teixeira parece ter se estendido por bastante tempo. Em 1908 será elaborado o Álbum do Maranhão, encomenda feita pelo governo do Maranhão, para figurar no estande do Estado, durante a Exposição Nacional no Rio de Janeiro. O álbum reunia entre as suas mais de 200 imagens, fotografias de diversas partes do estado, sendo possível perceber que pelo menos 09 fotografias do álbum já haviam sido publicadas nas edições da revista Elegante.

É também nesse período que a visão colecionista inaugurada nesse momento com o surgimento e difusão dos cartões postais irá contribuir para alavancar o comércio de um gênero de fotografia que até as primeiras décadas do século XX não tinha tanta importância para geração de lucro aos fotógrafos profissionais: o comércio de vistas urbanas.

Em São Luís a tipografia Teixeira será responsável pela edição e comercialização de algumas obras do gênero, em matéria do jornal *O Maranhão* a editora Gaspar Teixeira & irmãos divulgou em suas páginas a comercialização pela importância de sei mil reis de um “magnífico álbum contendo primorosas e coloridas vistas dos melhores edifícios, rua e praças desta capital” (O MARANHÃO 1º de Maio de 1908 apud MATOS, 2010). De acordo com Rouillé (2009, p.97) essa prática se consolidava como um verdadeiro inventário fotográfico do real “constitui-se no cruzamento de dois procedimentos de tesourização: o das aparências e o das imagens, pelo álbum e pelo arquivo”.

Neste sentido, podemos inferir que a revista Elegante, ao publicar em seus suplementos um significativo número de vista da cidade de São Luís, estaria disposta a aderir a essa prática muito comum no período: inventariar os principais logradouros da cidade, certamente aqueles que corroborassem com o imaginário urbano de suas elites econômica e intelectual.

Contudo para que houvesse uma maior democratização no acesso a esses modos de perceber a cidade, foi preciso uma que surgisse uma nova dinâmica no mundo das imagens, a aliança entre fotografia e imprensa. Para TRUSZ (2013, p.138) tal empreendimento seria produto da indústria gráfica onde: “(...) as revistas também se beneficiaram da substituição das técnicas de impressão litográfica (utilizadas pelas revistas brasileiras desde a década de 1860) pela fotogravura, autotipia e outros processos de



reprodução de imagens na imprensa (...)”. Como menciona Azevedo (2009) a substituição de técnicas como a litografia não se deu de forma imediata já que a introdução de fotografias nos periódicos impressos custava caro de início, tanto é verdade que as reproduções fotográficas aparecem de modo suplementar na revista Elegante já que o custo dos clichês para a reprodução de imagens custava caro.

Em um aviso da própria revista Elegante de 1900 é possível constar que a ausência da publicação do caderno suplementar de imagens em uma de suas edições, se deu por falta de clichês para a impressão das mesmas. Ouçamos as desculpas dos editores:

A NOSSA PHOTOGRAVURA

Desde que aceitamos a 2ª phase dessa revista illustrando-a com supplementos onde temos oferecido diversas vistas só hoje deixamos de fazel-o devido à falta de clichês. Encommendamos já há tempos esperamos que em breve nos chegue às mãos. (Revista Elegante, Edição Nº101, Anno IX de 12 de Novembro de 1900).

Observa-se que esse processo de introdução de fotografia na imprensa jornalística do início do século XX no Brasil, vai se dando paulatinamente a exemplo do Jornal carioca Gazeta de Notícias que aos domingos editava um suplemento literário que além de desenhos coloridos trazia fotografias que ilustravam o texto. (BARBOSA, 2007, p.30). Ao publicar os fascículos suplementares com fotogravuras a revista Elegante possibilitará a construção de uma memória sobre a cidade. Dessa forma, justamente com a publicação das imagens será redigido um texto que fará alusão ao monumento ou logradouro retratado, referenciando-o conforme o significado deste para o período.

Mas tarde a tipografia Teixeira também será responsável pela publicação da revista do Norte, um periódico quinzenal que parecia gozar de boa reputação na opinião de alguns de seus leitores, pelo menos no que diz respeito a sua qualidade editorial. A revista no que diz respeito à publicação de fotogravuras, fará uso destas, de modo mais demorado, embora naquele momento não existisse ainda uma relação direta entre o texto e as imagens. Numa querela envolvendo um de seus editores na imprensa jornalística do período o professor e jornalista Antônio Lobo² e o também jornalista Manuel Bethencourt é possível identificarmos que a publicação dirigida por Alfredo Teixeira e Antônio Lobo gozava de boa reputação no que diz respeito a sua qualidade técnica, vejamos o que disse Bethencourt ao se referir ao periódico:

² No ano de 1908, Antônio Lobo juntamente com um grupo de escritores que se autodenominavam “Novos atenienses” irão fundar a Academia Maranhense de Letras.



A feição do jornal, o material. A que depende do savoir-fare do Teixeira, O Alfredo, é boa, que nitidez de impressão, bom papel, regulares gravuras a recomendam, mas o texto, Deus nos acuda! É simplesmente deplorável, não tem o que se leia, que se preste a natureza de uma revista. (...)

Quem tem senso não vai atrás das coisas só pela aparência: o aspecto da revista pode seduzir, mas no mais não.

Alfredo Teixeira trabalha, porém não possui auxiliares. (NONATO, 1902, p.2 apud CARDOSO, 2013).

Como se pode perceber a qualidade técnica das publicações que estavam à frente os irmãos Teixeira parecia não deixava nada a desejar no quesito qualidade editorial. Além da revista do Norte a tipografia também seria responsável pela publicação de *O Jornal*, diário que circulou em São Luís na mesma época. (CARDOSO, 2013).

Fantasmas de um passado/Presente: imagens Sobreviventes

O fragmento poético atribuído ao poeta alegretense Mario Quintana de que “o passado não reconhece o seu lugar estando sempre presente”, parece recair como uma boa metáfora para pensarmos a trajetória de circulação das imagens produzidas sobre o Maranhão. Em sua obra *Imagens apesar de tudo* o filósofo George Didi-Huberman defende a necessidade do historiador ao lidar com imagens, que este, realize um verdadeiro esforço arqueológico afim de que possa descobrir o “tempo da imagem, ou tempo na imagem” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.69). Para Huberman a “fotografia está em parte ligada a imagem e a memória: possui por isso o seu eminente poder epidérmico” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.39). Para que possamos compreender os sentidos das imagens será mesmo necessário revirar as camadas da memória histórica que foi e continua sendo construída pelo “inconsciente optico” que continuamente vem se forjando (BENJAMIN, 1985, p.94).

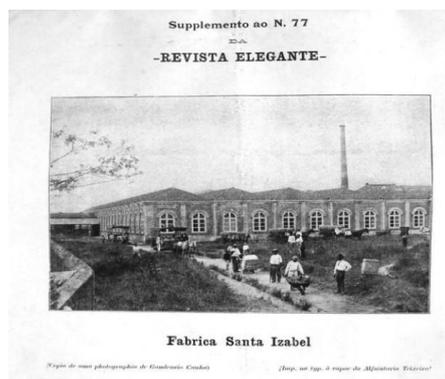
Se refizermos o caminho de volta a fim de entendermos como as imagens primeiramente divulgadas na revista *Elegante*, subsistiu ao tempo chegando até os dias de hoje, ainda dotadas de um poderoso potencial icônico, vamos perceber que elas, desde sua mais antiga divulgação já estariam revestidas de um esforço preservacionista, com uma nítida intenção documental.

As 34 imagens que foram divulgadas nos três anos de edição da revista *Elegante* retratam exclusivamente a capital São Luís e seus arredores, onde a cidade divulgada encontra-se fortemente presa a um passado arquitetônico associado a épocas áureas de seu desenvolvimento econômico e industrial com aparelhos urbanos que na época da divulgação

das imagens já mostravam-se em descompasso com os novos tempos.³ Basta atentarmos para sua fisionomia arquitetônica marcadamente colonial num momento em que novos estilos arquitetônicos foram responsáveis por completas remodelações dos espaços urbanos no Brasil a exemplo da avenida central no Rio de Janeiro.



Outra marca que demonstrava o seu desalinho pode ser vista na imagem abaixo onde a tração animal dos bondes ainda conduziam os meio de transporte da época, enquanto que na maioria das demais capitais seus habitantes já utilizavam os modernos bondes elétricos.



Fotogravura 01- Revista Elegante 1898

A concepção das imagens que foram divulgadas inicialmente na revista Elegante, nasce com um apelo preservacionista num exemplo claro de intencionalidade de constituição

³ De acordo com o historiador Wagner Cabral da Costa a tradicional historiografia sobre a economia do Maranhão cristalizou uma interpretação a cerca da evolução econômica do estado, estando esta dividida em três etapas: A barbárie - início da colonização portuguesa (1615-1756); A prosperidade- inserção da economia maranhense à economia mundial com a exportação do algodão e arroz (1756-1820) e por fim a decadência com a crise do sistema agro-exportador de 1820 até o final do século XIX e princípios do século XX. Ver: COSTA. Wagner Cabral da. **Vai trabalhar vagabundo**. São Luís: Projeto de pesquisa em história, 1996. p.01.



de uma memória elaborada a partir de uma imagem/ monumento que parecia querer cristalizar um tempo áureo na história da cidade.

Do conjunto das 34 fotogravuras que estão presentes nos suplementos da revista Elegante entre 1898 a 1901 pelo menos 21 destas serão reeditadas na revista do Norte, periódico que circulou em São Luís de 1901 a 1906. Neste sentido talvez caberia nos perguntarmos se a reedição desses clichês na revista do Norte, representasse naquele momento para a tipografia uma economia na confecção de novos clichês? Ou seria um ato de culto a uma memória histórica saudosista sobre o Maranhão?

Também pôde ser constatado ao compararmos as fotogravuras da revista Elegante com o Álbum do Maranhão divulgado na Exposição Nacional de 1908, que nove das de 34 fotogravuras também forma reimpressas em papel fotográfico para a confecção do álbum elaborado pelo fotógrafo Gaudêncio Cunha. A obra contendo 220 fotografias como mencionado anteriormente, foi encomendada pelo governo do estado do Maranhão para ser exposta na Exposição comemorativa do centenário da abertura dos portos que aconteceu na capital da federal.

Depois de aproximadamente 70 anos de sua divulgação as imagens tornam a serem divulgadas em uma edição fac-símile em 1987 sob a mesma alegação de preservar as imagens como um documento histórico a fim de livra-las do desaparecimento. Também em 2008 cem anos após a divulgação do Álbum do Maranhão foi lançado mais uma edição fac-símile desta vez numa reprodução mais próxima ao original do álbum. Responsável pela reedição do Álbum o então presidente da Academia Maranhense de Letras Lino Moreira Lima assim se pronuncia sobre a obra: (...) A paisagem urbana nela revelada é a mesma vista pelos doze fundadores da academia: uma São Luís dotada de um belo e rico patrimônio arquitetônico herdado de um período de riqueza, (...) (LIMA. 2008, p.3).

Outro exemplo de sobrevivência das imagens inicialmente publicadas na revista Elegante no que diz respeito aos usos e circulação das fotogravuras pôde ser encontrado mais contemporaneamente em uma dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, nela o autor que discute sobre o trabalho de rua na cidade de São Luís na passagem do século XIX para o XX faz uso de uma imagem publicada na revista Elegante e também na revista do Norte. Nesta, chama-os atenção a análise que o autor faz da imagem que fora publicada originalmente com o título “*costumes*” mais que fora publicada na revista do Norte com o título “*De volta da cidade*”.



Costumes

Fonte: Revista Elegante 1900.

Sobre a imagem acima Câmara (2008, p. 82) assim se pronuncia:

“o registro fotográfico desse trabalho, provavelmente morador dos arrabaldes da cidade, no momento de sua volta para casa, é bastante significativo para ilustrar esse entrelaçamento de dois mundos, ou seja, um rural e “pobre”, e outro urbano e “civilizado”.

Notemos que o autor claramente utiliza a imagem em sua forma ilustrativa, de modo que essa possa reafirmar sua análise, evocando um dos usos mais comuns que alguns pesquisadores vem atribuindo ao estatuto da imagem. Alguns estudiosos da imagem fotográfica costumam observar que a “imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário ela é a produção de um novo real (fotográfico) (...) (ROUILLE 2009, p.77). No caso específico dessa imagem talvez uma maneira menos equivocada de utilização desta, seria vincula-la a uma tradição oitocentista muito comum entre os fotógrafos do século XIX, que seria o registro de tipos humanos, prática bastante utilizada no Brasil a exemplo das fotografias de Cristiano Junior que realizou importantes registros de cenas do cotidiano de trabalhadores escravos urbanos. (LISSOVSK; AZEVEDO, 1998.)

O que podemos concluir em relação a rede de produção, circulação e consumo das imagens veiculadas inicialmente pela Revista Elegante, é que estas foram indutoras da formação de padrões visuais que se consolidaram como vetores da construção de um imaginário urbano da cidade de São Luís do Maranhão que parece mante-se vivo nas formas representacionais da cidade ainda hoje.



Fontes

Revista Elegante, São Luís, 1892 a 1904;

Revista do Norte, São Luís, 1901 a 1906.

CUNHA, Gaudêncio. Álbum do Maranhão. São Luís: Edições AML, 2008.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Dúnya. **A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros**. Mediação. Belo Horizonte, v. 9, n. 9, 2009. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/296>> Acesso em: 24 nov. 2014.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In; **Magia e Técnica, Arte e política**- obras escolhidas I. Trad. S. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

CÂMARA, Paulo Roberto Pereira. **Trabalho e rua: análise acerca do trabalho de rua em São Luís na passagem do século XIX ao XX**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós- graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO. Patrícia Raquel Lobato Durans. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”**: literatura, história e polemicas dos intelectuais maranhenses na Primeira Republica. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem Sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____ **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

FABRIS, Annateresa. O circuito social da fotografia estudo de caso- I. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia usos e funções no século XIX**. São Paulo, Edusp, 1998.



- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 2005.
- LIMA, Lino Moreira. **Texto introdutório**. In: CUNHA, Gaudêncio. **Álbum do Maranhão**. São Luís: Edições AML, 2008.
- LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia estudo de caso- II. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia usos e funções no século XIX**. São Paulo, Edusp, 1998.
- LISSOVSK, Maurício; AZEVEDO, Paulo Cesar de. **Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr**. Ex Libris, 1998.
- MATOS. Luciana Vilela Dourado. **Imagens legadas: São Luís nas fotografias de Gaudêncio Cunha**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós- graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2010.
- MAUAD. Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.13,n.1, 2005.
- _____. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX**, (Tese) Programa de Pós-Graduação em História Social, 2v. Niterói, UFF, 1990.
- MENESES. Ulpiano T. bezerra de. Rumo a uma “historia visual”. In: MARTINS José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **O Imaginário e o poético nas ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2005.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- TRUSZ. Alice Dublina. **Imprensa Periódica ilustrada e política: a revista Kodak e a palheta republicana Porto Alegre (2012-1913)**. Tomo. n.23, 2013.disponível em: < <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/issue/view/206>> Acesso em 25 nov. 2014.
- SILVA FILHO, José Oliveira da. **A história capturada: São Luís pelas lentes de Gaudêncio Cunha**. São Luís: EDUEMA, 2012.



VASQUEZ, Pedro Afonso. **Fotografia escrita**: nove ensaios sobre a produção fotográfica no Brasil. Rio de Janeiro: Senac, 2012.